



## AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DO *TRIPLE BOTTON LINE* - ESTUDO DE CASO: COMUNIDADE DO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ/CE

Artur Gomes de Oliveira\*

Doutor em Administração pela Universidade de Fortaleza, Brasil  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, Brasil  
arturgomes1@hotmail.com

Odéssia Fernanda Gomes de Assis

Mestranda em Psicologia na Universidade de Fortaleza, Brasil  
Universidade de Fortaleza, Brasil  
fernandagomesdeassis532@gmail.com

Ruth Gonçalves Duarte

Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza, Brasil  
Universidade de Fortaleza, Brasil  
ruthduarte2@gmail.com

Mônica Mota Tassigny

Doutora pela Universidade Federal do Ceará/Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris).  
Universidade de Fortaleza, Brasil  
monica.tass@gmail.com

### RESUMO

O *Triple Botton Line*, composto pelas dimensões Ambiental, Social e Econômica, tem sido amplamente aceita uma vez que sua aplicação pode implicar na manutenção ou desenvolvimento de fatores que levam à sustentabilidade. Ao definir esse conceito, Elkington (2012) citou o diretor do Programa de Administração Ambiental da Universidade de Michigan, Stuart Hart que afirmou que as grandes corporações seriam as únicas organizações que poderiam alcançar a sustentabilidade. O objetivo desse trabalho é verificar se a sustentabilidade, em determinado local, pode ser alcançada sem o auxílio de grandes organizações. Especificamente, objetiva-se verificar a situação da comunidade de Caldeirão de Santa Cruz, situada no interior do Ceará / Brasil, entre o período de 1926 e 1937. Para essa avaliação foi utilizado o *Triple Botton Line*, modelo de Elkington (2012). Os resultados indicaram que, no *modus vivendi* da comunidade do Caldeirão de Santa Cruz estava implícito o conceito conhecido como *Triple Botton Line* e que tal resultado foi conseguido através do trabalho realizado na comunidade, sem a ajuda de qualquer organização. Os resultados também mostraram que o comportamento e forma de trabalho da comunidade incomodaram alguns setores da sociedade.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; *Triple Botton Line*; Caldeirão de Santa Cruz; Ceará.

---

\*Autor para correspondência / Author for correspondence / Autor para la correspondencia: Rua Vereador Deocleciano Ramos 44  
apto 404, Suíssa, Aracaju/SE, 49050-750 - Tel: 079 988353537

Data do recebimento do artigo: 16/ jun. /2015

Data do aceite de publicação: 25/ fev. /2016

Desk Review

Double BlindReview

## EVALUATION OF THE APPLICATION OF THE TRIPLE BOTTOM LINE. CASE STUDY: CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ COMMUNITY (CEARÁ)

### ABSTRACT

The Triple Bottom Line, composed by the Environmental, Social and Economic dimensions, has been widely accepted since its implementation will involve the maintenance or development of factors that lead to sustainability. When defining this concept, Elkington (2012) quoted the director of the Environmental Management Program at the University of Michigan, Stuart Hart, who said that large corporations would be the only organizations that could achieve sustainability. The aim of this work is to verify if sustainability, at a given site, can be achieved without the aid of large organizations. Specifically, the objective is to check the status of the Caldeirão de Santa Cruz Community, located in the state of Ceará / Brazil, in the period between 1926 and 1937. For this evaluation, it was used the Triple Bottom Line model proposed by Elkington (2012). The results indicated that the concept known as Triple Bottom Line was implied in the Caldeirão de Santa Cruz community's way of living and that was achieved through the work carried out in the community, without the help of any organization. The results also showed that the behavior and the way of living and working of the community bothered some sectors of society.

**Keywords:** Sustainability; Triple Bottom Line; Caldeirão de Santa Cruz; Ceará.

## EVALUACIÓN DE LA APLICACIÓN DE TRIPLE BOTTON LINE. ESTUDIO DE CASO: COMUNIDAD CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ (CEARÁ)

### RESUMEN

El Triple Bottom Line, compuesto por las dimensiones ambiental, social y económica, ha sido ampliamente aceptada desde su implementación implicará el mantenimiento o desarrollo de factores que llevan a la sostenibilidad. Mediante la definición de este concepto, Elkington (2012) citó al director del Programa de Gestión Ambiental de la Universidad de Michigan, Stuart Hart, quien dijo que las grandes empresas serían las únicas organizaciones que podrían lograr la sostenibilidad. El objetivo de este estudio es evaluar si la sostenibilidad, en una particular localización, se puede lograr sin la ayuda de las grandes organizaciones. En concreto, el objetivo es comprobar el estado de la comunidad de Caldeirão de Santa Cruz, ubicada en el estado de Ceará / Brasil, en el período entre 1926 y 1937. Para esta evaluación, se utilizó el modelo Triple Botton Line. Los resultados indicaron que en la vida diaria de la comunidad de Caldeirão de Santa Cruz estaba implícito el concepto conocido como Triple Bottom Line y que este resultado se logró a través del trabajo realizado en la comunidad, sin la ayuda de ninguna organización. Los resultados también mostraron que el comportamiento y la forma de trabajar de la comunidad molesta a algunos sectores de la sociedad.

**Palabras clave:** Sostenibilidad; Triple Bottom Line; Caldeirão de Santa Cruz; Ceará.

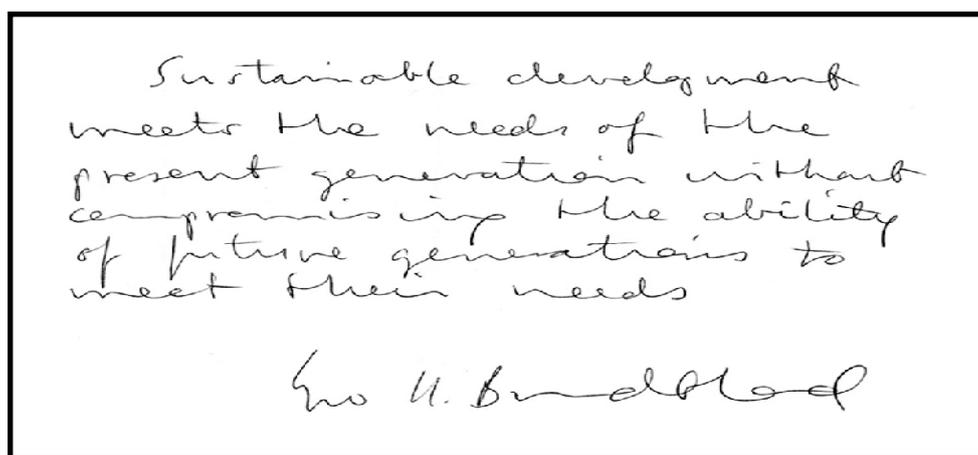
## INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento social, econômico e tecnológico surgidos nas últimas décadas, nosso planeta não pode mais ser observado em partes, mas sim como um todo. Onde um fato ou ação, mesmo que aparentemente isolado, pode provocar reflexos em diferentes contextos. Assim, as questões como o trabalho infantil na Ásia, a poluição do ar e da água na Europa, os direitos dos trabalhadores na América do Norte, a instabilidade política na América do Sul e as mudanças climáticas globais provocam reações em vários pontos do planeta. Dessa forma, a sobrevivência humana não é mais uma questão isolada, pelo contrário, é de responsabilidade de todos os segmentos da sociedade e dos três níveis de governo.

As crescentes mudanças comportamentais em relação às questões socioeconômicas e ambientais manifestadas pela sociedade contemporânea indicam uma maior consciência e alertam para a necessidade de utilização adequada dos recursos que influenciam na qualidade de vida e sobrevivência das gerações futuras.

Na visão de Aligleri e Krugliankas (2009) a disseminação de ações com posturas socialmente corretas, ambientalmente sustentáveis e economicamente viáveis, vem sendo cada vez mais propagadas. Entretanto, o alcance da sustentabilidade requer um processo de mudança social e elevação das oportunidades na sociedade, compatibilizando, no tempo e no espaço, o crescimento e a eficiência econômica, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social, visando um claro compromisso com o futuro e a solidariedade entre as gerações (Buarque, 1999).

A Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) que iniciou em 1983 e terminou em 1987, tendo à frente Gro Brundtland, elaborou o relatório “Nosso Futuro Comum”. Nesse relatório foi apresentada a definição mais utilizada para desenvolvimento sustentável, apresentada a seguir: “Desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 46) e Figura 1.



**Figura 1.** Definição de Desenvolvimento Sustentável. Nota: Assinada por Gro Brundtland. Fonte: Keiner, M., 2006. *The Future of Sustainability*. p.2. Netherlands: Springer, Dordrecht.

O conceito de sustentabilidade, frequentemente utilizado, é formado por três dimensões: Social, Ambiental e Econômica (Wolff, Schmitt, & Hochfeld, 2007). Ratificando essas ideias, Romeiro (1998, p. 248) recomenda que “o desenvolvimento para ser sustentável, deve ser não apenas economicamente eficiente, mas, também, ecologicamente prudente e socialmente desejável”.

A busca do equilíbrio entre o econômico, o social e o ambiental, denominado *Triple Bottom Line*, passou a ser compreendida sob o termo sustentabilidade, que é considerado um dos termos mais frequentemente usados, porém, menos compreendido de nosso tempo, sua natureza multidimensional leva a uma falta de precisão, assim, até hoje, esse conceito ainda não está bem definido segundo os autores a seguir: Jickling (2000); Keiner (2006); Chacon (2007); Sachs (2008); Barbieri, Vasconcelos, Andreasi e Vasconcelos (2010); Ciegis, Ramanauskiene e Martinkus (2009). Dentro desse contexto, Sachs (2008) destaca que esse conceito vem sendo aprimorado através de avanços epistemológicos promovido por vários autores, dentre eles vale a pena destacar Sen (1999).

Segundo Parisi (2010), o novo foco sobre a integração da sustentabilidade aos objetivos das organizações e da sociedade, resultou em uma mudança no debate sobre “o quê” e “porquê” para “como” tornar isto realidade. Nesse contexto, todos os fatos envolvidos com esses processos que possam contribuir para um melhor entendimento e aperfeiçoamento do conceito “sustentabilidade”, após devidamente estudados, devem ser ressaltados.

Para o Programa de Administração Ambiental da Universidade de Michigan, “as corporações são as únicas organizações com recursos, tecnologia, alcance global e motivação para alcançar a sustentabilidade” (Elkington, 2012, p. 109). Seguindo nessa linha de raciocínio quanto à sustentabilidade empresarial, Steffen e Young (2006) argumentaram que, mesmo diante de elevadas ações e movimentos significativos de empresas direcionando seus esforços para as dimensões social, econômica e ambiental da sustentabilidade buscando reunir todos os segmentos da sociedade, suscitaram inquietações e discussões de todos os atores para definir a (s) metodologia (s) que pudessem contribuir com a implantação da sustentabilidade nas empresas.

Por tudo que foi apresentado anteriormente, o objetivo dessa pesquisa é verificar se a sustentabilidade, considerada sob os aspectos do *Triple Bottom Line*, pode ser implantada em uma comunidade sem o auxílio de grandes corporações. Para tal, elegeu-se como objeto de estudo, a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz (interior do Ceará) que existiu entre 1926 e 1937, tendo como objetivo específico, verificar se essa comunidade incorporou os princípios implícitos no *Triple Bottom Line* que foi proposto por Elkington (2012), a seu modo de vida.

## A COMUNIDADE DO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ

Em 1926, o Padre Cícero, figura influente no contexto cearense, encaminhou o Beato José Lourenço e seus seguidores a uma das suas fazendas, chamada de Sítio do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, com uma área, aproximadamente, de 900 hectares, no sopé da chapada do Araripe (Cariri ocidental, sul do Estado do Ceará) a 20 km do Município do Crato e a 540 km da Capital Fortaleza. O Caldeirão:

É uma região semiárida, que chove pouco e de sol escaldante. A vegetação predominante é a caatinga, formada por árvores baixas e arbustos. Pelo tipo de vegetação pode-se deduzir a qualidade do solo: terreno pedregoso, solo nu e pobre em nutrientes. A topografia da área é acidentada, com depressões e vários grotões. O Caldeirão era uma terra imprestável, árida e íngreme até a chegada do beato e sua gente. Foi o trabalho humano de peregrinos liderados pelo beato que tornaram o “Caldeirão do Deserto” no “Caldeirão da Santa Cruz”. (Cordeiro, 2008, p.5)

O nome Caldeirão originou-se de uma falha geológica formada por pedras e que acumulava água na época da seca. Sobre o Caldeirão, Gomes (2009) registrou que visitou o Caldeirão e verificou a existência de um poço com aproximadamente 15 metros de raio e 8 metros de profundidade e cheio de peixes típicos da fauna nordestina como: pios, curimatás, piabas, mandis, cangatis, traíras, etc. As Figuras 2 e 3 mostram o Caldeirão.



**Figura 2.** A área do Caldeirão no período de estiagem e de chuvas, respectivamente.

Fonte: Silva, J. J., & Alencar, F A. G. de, 2009. *Do sonho à devastação, onde tudo se (re) constrói: Experiências e Memórias nas Lutas por Terra da Região do Cariri-CE*. Revista NERA, 14, p.130.

Na comunidade do Caldeirão chegaram a residir 1700 pessoas e, por meio de um processo de autogestão, do trabalho comunitário e da religião, resistiu às condições adversas da região e tornou-se uma utopia sobre o modo de vida de uma sociedade. Em uma época em que os latifúndios eram comuns e a mão de obra fácil e barata, uma comunidade estruturada de forma a dividir o trabalho e seu fruto de forma igualitária, arrebanhou trabalhadores (Almeida, 2009). Porém:

(...) o capital e o capitalismo não podem crescer sem que existam trabalhadores dispostos a trabalhar para um patrão. Para que isso ocorra é necessário que os trabalhadores tenham como única propriedade a propriedade de sua força de trabalho [...]. Se o trabalhador fosse proprietário dos instrumentos de trabalho, não precisaria assalariar-se, trabalhar para outra pessoa. (Martins, 1983, p.141).

A comunidade do Caldeirão com sua força de trabalho “iria incomodar os coronéis, que perdiam seu exército de reserva de mão-de-obra para aquele “éden matuto”, a fé num paraíso pós-morte já começava a se mostrar em vida, aquelas gentes alimentavam-se, vestiam-se, abrigavam-se e amavam-se com autonomia” (Cordeiro, 2004, p. 87).

Por esses e outros motivos, a forma de organização da comunidade do Caldeirão incomodava a elite da época, pois, a comunidade poderia crescer e atingir a mesma importância política da cidade de Juazeiro do Norte. Onde, em 1914, aconteceu a chamada Sedição de Juazeiro, tendo os “fanáticos” derrotado as tropas militares e depondo o então governador Franco Rabelo (Facó, 1986).

Já, em 1934, com a morte do Padre Cícero, suas propriedades passaram a pertencer aos Padres Salesianos que, através de acordo com outros setores da sociedade, decidiram reprimir o “fanatismo de Juazeiro” e apoiaram a expulsão dos integrantes da comunidade do Caldeirão de suas propriedades. Para tomarem a decisão sobre a destruição do Caldeirão, foi organizada uma reunião na cidade de Fortaleza com a presença de “representantes da Diocese do Crato; Ordem dos Padres Salesianos; Liga Eleitoral Católica; Polícia Política (Dops); Polícia Militar; e, Governo do Ceará” (Araújo, 2005, p. 41). Sendo que no final da reunião decidiu-se pela destruição da comunidade do Caldeirão de Santa Cruz (Araújo, 2005; Cordeiro, 2008), assim, em:

Em 11 de maio de 1937, um ruído no céu da chapada do Araripe assustou os camponeses. Com medo, eles tentavam se esconder entre as árvores enquanto máquinas voadoras deslizavam pelos ares daquela região do Cariri, no sul do Ceará. Homens, mulheres e crianças fugiam de algo que, com certeza, viam pela primeira vez. O desespero foi ainda maior quando os aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) começaram a metralhar. Muitos ali devem ter sussurrado o derradeiro pai-nosso. Outros nem tiveram tempo para tanto. (Araújo, 2005, p.1)

Por sua vez, Facó (1986, p. 192) ao referir-se ao ocorrido no Caldeirão de Santa Cruz, acrescentou que ninguém foi poupado “nem mulheres nem crianças, e já na década de 30, utilizando até aviões, a dizimação bárbara do pobre ajuntamento do Beato Lourenço, na serra do Araripe e, mais tarde, seus remanescentes em Pau de Colher, na Bahia”.

Como Canudos e Pau de Colher, o Caldeirão foi destruído e não se sabe ao certo quantas pessoas foram mortas, encontram-se, na literatura, referências a 700 vítimas (Araújo, 2005); e, até mesmo, entre 700 e 1000 mortos (Alves, 2000). Há, também, na literatura, quem afirme que a comunidade foi atacada, mas não completamente dizimada (Martins & Vasconcelos, 2007).

## **MÉTODO DE PESQUISA**

O presente trabalho adota a metodologia qualitativa. Partiu-se do conceito do *Triple Bottom Line* definido por Elkington (2012) e seus três pilares (Econômico, Social e Ambiental), que foram definidos como categorias de análise. Após uma revisão teórica sobre o tema, buscou-se, através de dados secundários, verificar se a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz, criada no sertão do Ceará

em 1926 e liderada pelo Beato José Lourenço, apresentava: (1) em seu modo de vida e organização, a incorporação das dimensões (Ambiental, Social e Econômica) presentes no conceito de sustentabilidade, e (2) identificar se a comunidade pesquisada recebeu alguma contribuição de qualquer organização.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Elkington (2012) afirma que o *Triple Botton Line* é composto por três pilares dimensionais (Social, Ambiental e Econômico). Onde, “A dimensão social reflete a preocupação com os impactos nas comunidades, a dimensão ambiental diz respeito ao uso de recursos naturais e à emissão de poluentes, a dimensão econômica refere-se à eficiência econômica” (Barbieri, Vasconcelos, Andreasi & Vasconcelos, 2010, p. 150).

Martins e Vasconcelos (2007, p. 3) afirmam em relação ao Caldeirão que “as relações sociais regidas pela lei do Capital, do lucro como forma de vida não existiam naquele lugar, tendo em vista que a produção agrícola era dividida a partir da necessidade de cada família”. Nessa linha de raciocínio, ressalta-se que no Caldeirão, ninguém passava privações, “organizava-se uma sociedade religiosa na qual o trabalhador não era espoliado pelo dono das terras. (...) o trabalho era a única forma de obter o pão de cada dia, pois ninguém deveria viver à custa do trabalho alheio” (Ramos, 2000, p. 372).

A organização e distribuição do espaço eram, também, controladas dentro da comunidade do Caldeirão, “as moradias eram construídas de acordo com a ordem de chegada ao sítio, formando semicírculos direcionados para a área central onde havia uma igreja com um cemitério atrás e um grande pátio à frente” (Cordeiro, 2008, p. 5). Cada família que chegava ao Caldeirão “era bem recebida, e os que já viviam no sítio construíam logo a nova moradia; alastravam-se as casinhas a partir do sopé dos morros, formando, gradativamente, um cinturão em redor da pequena planície onde floresciam as primeiras plantações” (Alves, 1994, p. 5). Essa organização indica equilíbrio entre o uso do espaço para ocupação urbana e para a produção e, ao mesmo tempo, a certeza de moradia para todos os integrantes da comunidade. Tal disposição territorial indica a presença do conceito defendido por Sen (2000) sobre as áreas destinadas à produção e aquelas para moradia.

Por sua vez, Ramos (1991, p. 68) acrescenta que “quem não trabalhava na produção de alimentos, trabalhava para a melhoria das condições materiais como a construção de pequenos açudes, cercas ou atividades artesanais. Não havia competição no sentido de alguém querer possuir mais do que o companheiro”.

Nesse sentido, vale ressaltar também que as relações sociais no Caldeirão, segundo Gomes (2009, p. 61), tinham suas particularidades, uma vez que, no auge da existência da comunidade “jamais houve um crime no povoado”. A ação do Beato Zé Lourenço, na comunidade do Caldeirão, provocava desenvolvimento, respeitando e reforçando os seus costumes e tradições; “o Beato

limitou-se a despertar no povo o desejo de retomar e fortalecer os costumes religiosos: festejos, rezas, novenas, penitências” (Pompa 2009, p. 72). Almeida (1999) e Lopes (2006) também ratificam a ênfase no respeito e reforço às tradições e costumes quando afirmam que o Beato Zé Lourenço, orientava seus seguidores, promovia novenas, ladainhas e procissões e era responsável por todas as manifestações religiosas nos dias santos e domingos.

Não só a cultura e tradições eram cultivadas na Comunidade do Caldeirão, também a Educação foi considerada. Marina Gurgel, uma jovem de 21 anos vinda do Rio Grande do Norte, chegou ao Caldeirão e se tornou a professora da comunidade. Não existia uma escola nos moldes formais no local, porém, essa era uma realidade do Nordeste à época (Sousa & Carvalho, 2009), “quando surgia alguém que sabia um pouco de leitura, era um professor leigo, que apesar de não ter uma metodologia adequada aos padrões dominantes, se habilitavam no ensino das letras. Foi assim no Caldeirão” (Sousa & Carvalho, 2009, p. 8).

A alfabetização na comunidade aparece nas palavras de Maria de Lourdes, remanescente do Caldeirão, que relata que as aulas aconteciam debaixo das árvores e também na capela (Sousa & Carvalho, 2009). Segundo informações pessoais de Seu Pedrinho, outro remanescente do Caldeirão, a professora possuía certa liderança na comunidade, “pois ajudava Isaías, na organização do lugar” (Sousa & Carvalho, 2009, p. 8). Ainda, com relação à professora, vale a pena salientar que, utilizando os poucos recursos disponíveis, colocava seus alunos à sombra das árvores e procurava ensinar às crianças o que era necessário, à noite, na capela, após uma oração, aconteciam as aulas com os adultos (Sousa & Carvalho, 2009).

Facó (1986) ressalta o contraste entre os habitantes do Caldeirão e outros nordestinos do interior quando comenta que “as fotografias conhecidas da comunidade de Zé Lourenço mostram fisionomias de pessoas bem alimentadas e de aparência melhor do que a do nordestino do interior, e distinguem-se belos rostos de mulher. Evidentemente não passavam fome” (p. 208). A Figura 4 mostra os sobreviventes da Comunidade do Caldeirão.



**Figura 4.** Sobreviventes da Comunidade do Caldeirão.

Fonte: Foto exposta na capela do local. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2011/03/rebeldia-em-meio-a-tradicao-1>>.

Neste ponto, cabe ressaltar que a comunidade do Caldeirão, seguia, rigorosamente, o que lhes era determinado por seus líderes (Beato Zé Lourenço e o Padre Cícero) inclusive os dez mandamentos do Padre Cícero (Silva, 2013). Tal conjunto de leis, além de estabelecer os princípios a serem observados na comunidade, provocava um reflexo na conservação do meio ambiente.

Pode ser inferido, por meio das informações colhidas e acima relatadas, que o pilar Social foi integrado ao modo de vida dos integrantes do Caldeirão de Santa Cruz, por meio: da igualdade de direitos e obrigações; distribuição igualitária do que era produzido na comunidade; da ausência de criminalidade; existência de um conjunto de normas a serem seguidas; pelo respeito à cultura e a preocupação com a educação.

### **Evidências das características do pilar Ambiental na comunidade do Caldeirão**

O grande mérito do Beato Zé Lourenço (líder da comunidade do Caldeirão) “foi, exatamente, saber utilizar os recursos e os ecossistemas do semiárido. Além do *modus vivendi* igualitário, o Caldeirão foi um exemplo ecológico para o nordeste” (Araújo, 2005, p. 3). O autor ainda afirma que:

Normalmente os agricultores trabalham com rotação de culturas, ou seja, queimam a vegetação para adubar o solo e depois plantam durante cerca de três anos. Posteriormente, abandonam a área – deixando a vegetação brotar de novo, o que chamam de “encapoeiramento” – para repetir o processo após três ou cinco anos. A falta de espaço, porém, impedia José Lourenço de fazer as rotações. O beato “só plantava abaixo da “coroa da serra”, e apenas em um trecho por ano, passando depois para outro. Como a cobertura vegetal da coroa permanecia intacta, quando chovia as sementes eram dispersas de cima para baixo. Dessa maneira, utilizando a força da gravidade, a área encapoeirava mais rápido que um terreno plano”. Com esse manejo agrícola, somado à criação de peixes e de gado, as quase 2 mil bocas da irmandade não sentiam falta de comida. (Araújo, 2005, p. 3)

Na comunidade do Caldeirão, todos, com exceção dos menores de 12 anos (TV Assembleia, 2012), dispunham de ferramentas simples (algumas adaptadas às condições específicas do local e ali produzidas) e que deveriam ser utilizadas de forma eficiente. Segundo Gomes (2009, p. 60), os poucos recursos disponíveis na região, tinham que ser suficientes para o sustento da população e é importante destacar que “José Lourenço e seus companheiros enfrentaram o desafio imposto pelo terreno pedregoso, pela seca, e passaram a cultivar a terra. Frutas, cereais, algodão e hortaliças foram plantados e colhidos com abundância”. Sobre a forma de irrigação, o autor afirma que, seguindo uma forma simples de irrigação, a água retirada no poço do Caldeirão era colocada diretamente na raiz das plantas, assim, “a produção era farta. Ali se praticava horticultura, pomicultura e floricultura. O Caldeirão transformou-se num oásis, sua paisagem verde e farta contrastava com o cenário de abandono das terras dos grandes latifúndios nordestinos” (Gomes, 2009, p. 60).

O ex-ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal (16/03/1993 a 05/04/1994) Rubens Ricupero, afirma que o Padre Cícero “pregou no sertão nordestino a palavra que hoje, a consciência ambiental, a duras penas, começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes que se

realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972” (Jornal O Globo, 1994). A palavra do Padre Cícero, transmitida pelo Beato, era considerada lei pela comunidade do Caldeirão. Dessa forma, Os Dez Preceitos Ecológicos do Padre Cícero (Silva, 2013) se transformaram na lei a ser obedecida dentro da comunidade do Caldeirão.

Conforme Silva (2013) os dez preceitos ecológicos do Padre Cícero são:

- 1) Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau;
- 2) Não toque fogo no roçado nem na caatinga;
- 3) Não cace mais e deixe os bichos viverem;
- 4) Não crie o boi nem o bode soltos, faça cercado e deixe o pasto descansar para se refazer;
- 5) Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé, deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza;
- 6) Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva;
- 7) Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta;
- 8) Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer até que o sertão todo seja uma mata só;
- 9) Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga como a maniçoba, a favela e a jurema, elas podem ajudar a conviver com a seca;
- 10) Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá o que comer, mas se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

Ainda segundo Silva (2013), esses 10 preceitos foram estabelecidos com base em cartas do Padre Cícero, em conselhos que dava aos sertanejos e nas pregações que fazia aos romeiros em frente à sua casa.

Não foram encontrados, na literatura pesquisada, dados que indicassem que a reciclagem de resíduos era praticada na comunidade do Caldeirão de Santa Cruz, porém, a conservação dos recursos é observada na forma de cultivar a terra e utilizar os recursos disponíveis, principalmente, a água. Finalmente, tais evidências denotam que, na comunidade do Caldeirão, os preceitos contidos na dimensão Ambiental referida no *Triple Botton Line* foram incorporados às ações do cotidiano.

### **Evidências das características do pilar Econômico na comunidade do Caldeirão**

Sen (2000), no seu trabalho, defende que as facilidades econômicas se referem às oportunidades que as pessoas têm de utilizar os recursos econômicos com a finalidade de consumo, produção ou troca.

O acesso aos bens produzidos era igual para todos, fato ressaltado por Maria de Lourdes Sales, uma das remanescentes do Caldeirão, quando afirmou que: “O povo trabalhava, em conjunto,

a roça prá todos, e de noite, ainda rezava” (TV Assembleia, 2012). O resultado disso é informado por Antônio Inácio da Silva, outro remanescente do Caldeirão, quando afirmou que “lá ninguém recebia dinheiro, lá era, tinha muita fartura e a gente comia e ninguém passava fome, não andava nu, o negócio lá era só trabaiá e fazer penitência” (TV Assembleia, 2012).

Os depoimentos dos remanescentes da Comunidade do Caldeirão atestam que havia igualdade em relação ao acesso não só aos bens de produção, mas, também, a tudo o que era produzido. O que sobrava era comercializado ou trocado por outros bens em outras comunidades (Almeida, 2009; Alves, 1994).

Havia, na área de estudo, um controle da produção e do consumo, o encarregado dessa tarefa era Isaías, uma espécie de ministro do planejamento e da economia (Alves, 1994). “Os produtos eram armazenados em grandes celeiros e redistribuídos de acordo com as necessidades de cada família. Não circulava dinheiro na comunidade e a organização social era rígida, dentro de padrões de uma religiosidade quase ascética” (Alves, 1994, p. 4). Dessa forma, o conceito de limitação do consumo defendido por Sen (2000) estava consolidado por meio de um modelo de produção e distribuição dos bens produzidos baseado nas necessidades da população.

Segundo Almeida (1999), a seca no Nordeste, em 1932, comprovou a autonomia e autosustentação conquistadas pela comunidade do Caldeirão. Enquanto “o Governo do Ceará instalou em vários de seus municípios campos de concentração na tentativa de impedir que os flagelados migrassem para a capital, como havia ocorrido na seca de 1915, o Caldeirão oferecia assistência para uma multidão” (Silva & Alencar, 2009, p. 132).

Lima, Diniz e Santos (2011, p. 11) ressaltam em seu trabalho que na região do semiárido “existiram referências de desenvolvimento, onde a verticalização da produção se dava de forma quase que completa. O exemplo mais extremo é Caldeirão de Santa Cruz, na chapada do Araripe, uma economia ecológica e comunitária, onde se produzia de tudo”.

Com base nas informações colhidas, pode-se concluir que o pilar econômico do *Triple Botton Line* proposto por Elkington (2012), foi identificado no cotidiano da Comunidade do Caldeirão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas informações registradas ao longo do trabalho, pode-se concluir que a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz incorporou os princípios de sustentabilidade a seu *modus vivendi*.

Após pesquisa e análise dos dados, concluiu-se que, entre 1926 e 1937, no interior do Ceará em meio a um solo pobre, falta de recursos e, sobretudo, a seca que assolava toda a região, a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz, liderada pelo Beato José Lourenço, já apresentava em seu *modus vivendi*, os princípios do conceito de sustentabilidade conhecido como *Triple Botton Line*.

Quanto ao objetivo geral, não foram encontrados indícios, nos documentos pesquisados, sobre ajuda proveniente de qualquer organização que contribuisse para a criação, manutenção ou desenvolvimento da referida comunidade, o que sugere que a afirmação feita em Elkington (2012, p. 109) pode ser feita em relação às empresas, mas não em relação a uma determinada comunidade.

A comunidade do Caldeirão, com seu modo de vida diferente, incomodou às organizações condutoras da sociedade da época, o que levou à sua destruição. Assim, considerando que a seca e a falta de recursos na região Nordeste, quase um século depois, ainda existem, sugere-se para futuros trabalhos, verificar se tais condições adversas, favorecem, permitem ou fomentam a manutenção da diferença entre classes sociais ou afetam, de alguma forma, o acesso aos bens materiais ou imateriais produzidos no seio da sociedade.

Finalmente, observou-se que a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz (Ceará) incorporou os princípios de sustentabilidade ao seu modo de vida apenas com seu trabalho e sua fé.

## REFERÊNCIAS

- Aligleri, L. A., & Krugliankas, I. (2009). *Gestão Socioambiental: responsabilidade e sustentabilidade do negócio*. São Paulo: Atlas.
- Alves, T. M. (1994). *A Santa Cruz do deserto. Ideologia e protesto popular no sertão nordestino: A comunidade camponesa igualitária do Caldeirão*. (Dissertação de mestrado, UFPE, Recife, Brasil). Recuperado em 22 agosto de 2014: [https://www.ufpe.br/ppghistoria/index.php?option=com\\_content&view=article&id=299%3Aproducao-cientifica-mestrado&catid=1&Itemid=233](https://www.ufpe.br/ppghistoria/index.php?option=com_content&view=article&id=299%3Aproducao-cientifica-mestrado&catid=1&Itemid=233)
- Alves, T. M. (2000). *A Tragédia da Comunidade Camponesa Igualitária do Sítio Caldeirão*. Recuperado em 22 agosto de 2014: [http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=S%C3%ADtio+Caldeir%C3%A3o,+Cear%C3%A1&ltr=S&id\\_perso=5221](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=S%C3%ADtio+Caldeir%C3%A3o,+Cear%C3%A1&ltr=S&id_perso=5221).
- Almeida, M. I. M. (2009). Memória e Esquecimento. As causas e consequências do artigo “O Beato José Lourenço e sua ação no Cariri”, de José Alves de Figueiredo. *Revista Cordis*, n.3-4, 1-10. Recuperado em 22 agosto de 2014: <http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/9557>.
- Araújo, J. M. (2005). Sopro de liberdade: A tragédia de uma utopia de igualdade e auto-suficiência. *Problemas Brasileiros*, 370, 38-43. Recuperado em 22 agosto de 2014: [http://www.sescsp.org.br/online/artigo/3075\\_SOPRO+DE+LIBERDADE#/tagcloud=lista](http://www.sescsp.org.br/online/artigo/3075_SOPRO+DE+LIBERDADE#/tagcloud=lista).
- Barbieri, J. C., Vasconcelos, I. F., Andreasi, T., & Vasconcelos, F. C. (2010). Inovação e Sustentabilidade: novos modelos e proposições. *RAE*, 50(2), 146-152. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902010000200002>
- Buarque, S. C. (1999). *Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável* (2a ed.). Recife: IICA.
- Chacon, S. S. (2007). *O sertanejo e o Caminho das Águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semiárido*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil.
- Ciegis, R., Ramanauskiene, J., & Martinkus, B. (2009). The Concept of Sustainable Development and its Use for Sustainability Scenarios. *Inzinerine Ekonomika-Engineering Economics*, 3(2), 28-37.

- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. (1991). *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Cordeiro, D. S. de A. (2008). Caldeirão da Santa Cruz: memórias de uma utopia comunista no nordeste brasileiro. *VI Congresso Português de Sociologia*, pp. 1-14, Lisboa, Portugal. Recuperado em 22 agosto de 2014: [www.aps.pt/vicongresso/pdfs/712.pdf](http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/712.pdf)
- Cordeiro, D. S. de A. (2004). *Narrativas Memoráveis do Caldeirão*. Fortaleza: Imprensa Universitária, Universidade Federal do Ceará.
- Elkington, J. (2012). *Sustentabilidade, Canibais com Garfo e Faca*. São Paulo: M. Books do Brasil.
- Facó, R. (1986). *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas* (7a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gomes, A. M. A. (2009, junho/agosto). O Conflito Religioso do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. *Revista USP*, 82, 54-67.
- Jickling, B. (2000). *A Future for Sustainability?* Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- Jornal O Globo. (1994, janeiro 19). Rio de Janeiro. 6.
- Keiner, M. (2006). *The Future of Sustainability*. Netherlands: Published by Springer, Dordrecht.
- Lima, J.R.T., Diniz, P. C. O. & Santos, A. A. (2011). E o Pajeú... vai até o meio do mar... refletindo a chamada de ATER para o território do Pajeú. *Resumos do Congresso Brasileiro de Agroecologia*, Fortaleza, Ceará, Brasil, 7.
- Lopes, R. (2006). *O Beato José Lourenço e sua ação no Cariri* (52a ed.). Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- Martins, J. de S. (1983). *Os Camponeses e a Política no Brasil* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Martins, P. H., & Vasconcelos, G. L. A. (2007). O Caldeirão do Beato José Lourenço: Fé, Trabalho e Luta Social. *Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco*, Recife, Pernambuco, Brasil, 1.
- Parisi, C. (2010). *The Impact of Organizational Alignment on the Effectiveness of Firms' Sustainability Strategic Performance Measurement Systems: an empirical analysis*. Kolding: University of Southern Denmark.
- Pompa, C. (2009). Memórias do fim do mundo: o movimento de pau da colher. *Revista USP*, (82), 68-87.
- Ramos, F. R. L. (1991). Caldeirão. Fortaleza: EDUECE.
- Ramos, F. R. L. (2000). Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano. In Simone de Souza (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha.
- Romeiro, A. R. (1998). *Meio ambiente e Dinâmica de Inovações na Agricultura*. São Paulo: Annablume; FAPESP.
- Sachs, I. (2008). *Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Sen, A. K. (1999). *Sobre Ética e Economia*, São Paulo. Companhia da Letras.
- Sen, A. K. (2000). *Desenvolvimento como Liberdade* (Laura Teixeira Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, J. J. (2013). O olhar de Padre Cícero sobre as relações sociedade natureza e sua importância na formação de núcleos rurais no Cariri cearense. *Vozes, Pretérito & Devi*, 1(1), 181-201. Retirado de <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/36/38>.

Silva, J. J., & Alencar, F A. G. de. (2009). Do sonho à devastação, onde tudo se (re) constrói: Experiências e Memórias nas Lutas por Terra da Região do Cariri-CE. *Revista NERA*, (14), 125-144.

Sousa, C. C., & Carvalho, L. V. (2000). Educação Popular: um estudo da educação de crianças, jovens e adultos do movimento caldeirão, 2009. In Simone de Souza (Org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha.

Steffen, P. G., & Young, C. E. F. (2006). Instrumentos econômicos são uma mão na roda. *FGV-CES*, (3).

Tv Assembleia. (2012). *Caldeirão do beato Zé Lourenço* [Documentário]. Fortaleza. Recuperado em 22 agosto de 2014: <https://www.youtube.com/watch?v=D5ypWasqXo0>

Wolff, F., Schmitt, K., & Hochfeld, C. (2007). *Competitiveness, innovation and sustainability clarifying the concepts and their interrelations*. Berlin: Institute for Applied Ecology